

RESENHA

LOSURDO, Domenico. *O marxismo ocidental: como nasceu, como morreu, como pode renascer*. Trad. Ana Maria Chiarini e Diego Silveira Coelho Ferreira. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2018. 230 p.

Glauber Lopes Xavier¹

“A superação de todo comportamento doutrinário e a possibilidade de se confrontar com o próprio tempo e de filosofar em vez de profetizar são a condição necessária para que o marxismo possa renascer e se desenvolver no Ocidente” (LOSURDO, 2018, p. 213).

Publicada em 2018 pela editora Boitempo, o livro do filósofo marxista italiano Domenico Losurdo, trás em pouco mais de duas centenas de páginas, uma profusão de informações históricas e de reflexões teóricas caras e imprescindíveis ao conhecimento do pensamento marxista ocidental urdido ao longo do século XX. Trata-se de uma obra de tranquila leitura, a despeito da audácia de que é investido o seu conteúdo. Ao longo de seis capítulos, Losurdo cumpre aquilo a que se propôs: apresenta como se deu o surgimento do marxismo ocidental, seu declínio (morte) e aponta quais os caminhos a serem trilhados em vistas de seu renascimento.

Durante esse périplo, o autor não poupa críticas a inúmeros expoentes do pensamento marxista ocidental, denunciando, por um lado, a inconsistência de determinadas concepções e, por outro, a hipocrisia e a deturpação de fatos históricos decisivos para uma compreensão logicamente coerente e politicamente engajada acerca do real. O caráter audacioso que atribuo ao livro advém da corajosa postura adotada por Losurdo de não se abster de críticas em relação às concepções bastante arraigadas e até mesmo consagradas nos circuitos intelectuais do pensamento ocidental.

Assim, não ficaram imunes à crítica autores como Sartre, Horkheimer e Marcuse. Esta resenha não discutirá cada capítulo em seu pormenor. Ao contrário, buscará abordar a totalidade da obra com o intuito de evidenciar sua mensagem de uma forma concisa e com as temáticas livremente encadeadas umas às outras. A obra mostra que foi a Primeira Guerra Mundial a responsável pela emergência de um debate em torno do papel a ser ocupado pelo marxismo. Enquanto o pensamento ocidental enveredou pela denúncia dos horrores provocados pelo conflito, o oriente encontrou, na crise, a possibilidade de edificação do comunismo.

O ano de 1917 foi decisivo para a conjugação entre teoria e práxis e, com a *Revolução de Outubro*, o marxismo se deparou com a possibilidade de superação da experiência colonial e a emancipação dos povos oprimidos. Sobre esse evento histórico, Losurdo destaca a relevância dos escritos de Lenin, para quem os liberais radicais da Grã-Bretanha não se passavam de defensores da opressão vivida pelo povo indiano e perpetrada pelo colonizador britânico. Destaco como principal ponto do capítulo inicial a discussão em torno da “economia do dinheiro” no leste e no

oeste.

Diferentemente da ingênua posição defendida pelos marxistas ocidentais, qual seja, a de que a revolução requer a supressão imediata da produção mercantil, da circulação de mercadorias e da economia monetária, o marxismo oriental se depara, em virtude das próprias condições históricas, com a necessidade de promoção do desenvolvimento das forças produtivas. Somente tal desenvolvimento tornou a economia soviética, mas também a chinesa, décadas após, imune à ofensiva colonial europeia e estadunidense. Com acuidade, Losurdo aponta que o marxismo ocidental, termo proposto por Perry Anderson, foi contaminado pelo messianismo judaico-cristão. Este atávico fundamento da compreensão histórica é que revestiu o marxismo ocidental de sua escatologia.

Dele, não ficaram incólumes nem mesmo grandes pensadores como Benjamin e Lukács, embora o segundo tenha feito uma autocrítica. Foi com base nesse messianismo que o marxismo ocidental negligenciou as lutas anticoloniais e não realizou a devida crítica à barbárie levada a cabo nos marcos da luta imperialista. Sobre isto, o autor ressalta o papel histórico do comunismo oriental no combate ao projeto nazista de expansão de seu poder imperial e de constituição das índias germânicas. Enfatiza de igual maneira a relevância da luta de libertação dos negros no Haiti, a denúncia do revolucionário vietnamita Ho Chi Minh acerca da desigualdade imposta aos povos coloniais em contraste com os valores cultivados pelos europeus.

Ainda, a situação do negro nos Estados Unidos com o advento da *white supremacy* e a luta sem trégua liderada por Mao Tsé Tung a fim de impedir a conversão da China numa colônia do ocidente. Estas questões foram amiúde tratadas e desvelam por seu turno a hipocrisia contida no discurso liberal ocidental, mas, também, o distanciamento do marxismo ali construído do plano da realidade histórica. Ao se apoiar na crença em um futuro remoto e utópico, o marxismo ocidental teria se silenciado sobre a questão colonial. Paralelo a isto, o marxismo oriental não apenas se ancorou na experiência revolucionária em curso nas colônias como reconheceu a necessidade da luta pelo poder.

Daí o vínculo deste marxismo ao que Losurdo chamou de futuro em curso e futuro próximo. A uma hermenêutica da inocência (ocidental) opôs-se uma filosofia baseada na história, em sua dialética. Enquanto esta se deu no bojo dos acontecimentos, da luta pela libertação e emancipação de povos oprimidos, aquela legou volumosa obra de conteúdo doutrinário e com idílicas narrativas sobre a revolução. Losurdo não deixa de reconhecer, no entanto, que mesmo tendo deixado de lado a questão colonial, determinados conceitos forjados pelo pensamento ocidental podem ser mobilizados de um modo que permita melhor apreender a situação dos povos oprimidos na periferia do globo.

É o caso do conceito de biopolítica, cunhado por Michel Foucault. Segundo Losurdo, o filósofo francês não fez qualquer alusão às atrocidades vividas por populações submetidas à opressão colonial no continente asiático, por exemplo. Não abordou sequer a questão racial nos Estados Unidos a partir de seu famigerado conceito. Pelo contrário, dele lançou mão a fim de equiparar a União Soviética à Alemanha hitlerista. A crítica de Losurdo à obra de Hannah Arendt foi ainda mais contundente, dado o apego da filósofa à suposta superioridade da formação social estadunidense em virtude da abordagem pluralista no âmago de sua constituição.

Especial atenção volta-se para a comparação, também feita por Arendt, do

nazismo com o stalinismo, enquadrando-os na seara do totalitarismo. Domenico Losurdo torna límpido o porquê esta comparação é absolutamente equivocada. Não fosse a luta empreendida pelo comunismo soviético e seu projeto de emancipação do jugo da dominação colonial que ameaçava uma Rússia decadente sob o poder dos czares, o nazismo teria grandes chances de triunfar e, com ele, a barbárie sobre inúmeros povos. Losurdo cometera apenas um deslize: não sublinhou por quais razões Michel Foucault, e tampouco Hannah Arendt, poderiam ser considerados marxistas ocidentais ou mesmo teóricos de alguma vertente do chamado neomarxismo.

Ainda sobre a obra, o projeto maoísta e o progresso da civilização chinesa sob o regime comunista teve, nesse sentido, o mesmo elemento propulsor que a revolução de outubro: a negação da dominação colonial e da opressão sobre os trabalhadores naqueles países. A afirmação de que nesses países emergiram regimes autoritários e, com eles, o recrudescimento do poder por parte dos Estados Nacionais, tendo como finalidade a negação dos movimentos emancipatórios ali ocorridos, não tem outro propósito senão sustentar a concepção messiânica de revolução.

Ademais, Losurdo enquadra a obra de David Harvey no mesmo conjunto daquelas que, ainda que tenham reconhecido a ofensiva imperialista, nada proclamaram sobre a experiência colonial e o papel das revoluções comunistas para a sociedade contemporânea. Ao menos Harvey tivera lucidez ao reconhecer o fenômeno do novo imperialismo e não fizera como Hardt e Negri, os quais, segundo Losurdo, anunciaram o advento da paz perpétua e universal. A crença de Harld e Negri retrata, por sua vez, o nível de distanciamento do chamado marxismo ocidental com relação à história. Só haveria segundo Domenico Losurdo um único caminho que garantiria o renascimento do marxismo ocidental. Este seria a sua aproximação com a história e, com esta aproximação, o abandono de seu caráter doutrinário e do messianismo judaico-cristão de que é herdeiro. Caberia ao marxismo ocidental o confronto com o próprio tempo e a tarefa de conceber uma filosofia.

A obra de Losurdo, para além da enorme contibuição de revisão teórica, auxilia na compreensão do tempo presente, em que a ascensão chinesa e a sua via de desenvolvimento tem provocado toda sorte de questionamentos e debates entre os pensadores filiados ao marxismo. Denominada pelo Partido Comunista da China de “socialismo de mercado com características chinesas”, o modo como mercado e planejamento têm sido contemplados pela experiência governamental chiensa, resultando em um crescimento econômico sem precedentes, sem dúvida provoca perturbações a ambos os lados, tanto aos liberais, apologetas do modelo ocidental, quanto aos marxistas ocidentais, cujas ideias pairam no campo do ideal revolucionário de natureza escatológica. (JABBOUR; GABRIELE, 2021).

A crítica ao marxismo ocidental, em outras palavras, é a crítica a um pensamento que se pretende revolucionário, porém parido das entranhas do mundo europeu e bastante reticente à realidade oriental, marcadamente caracterizada por experiências que reforçaram o papel do Estado segundo um propósito humanamente emancipatório. A realidade da China contemporânea atesta a superioridade de um modelo que, a despeito do autoitarismo manifestado pela regência de um único partido, não submete sua população às oscilações de uma economia inteiramente entregue às livres forças de mercado (JABBOUR, 2019).

Nestes termos, o chamado socialismo de mercado é infinitamente superior ao capitalismo em sua expressão ocidental.

Referência bibliográfica

JABBOUR, E; GABRIELE, A. *China: o socialismo do século XXI*. São Paulo: Boitempo, 2021.

JABBOUR, Elias. *China: socialismo e desenvolvimento – sete décadas depois*. São Paulo: Anita Garibaldi; Fundação Maurício Grabois, 2019.

LOSURDO, Domenico. *O marxismo ocidental: como nasceu, como morreu, como pode renascer*. Tradução: Ana Maria Chiarini e Diego Silveira Coelho Ferreira. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2018. 230 p.

¹ Universidade Estadual de Goiás. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2831400436201952> Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7905-4962>

Recebido em: 01/2022

Aprovado em: 07/2022